



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

O caminho de um estudo geoliterário: espaço, escrita e memória

Isabelle Pinheiro Gonçalves da Silva

**Rio de Janeiro
2023**

O caminho de um estudo geoliterário: espaço, escrita e memória

por

ISABELLE PINHEIRO GONÇALVES DA SILVA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português -Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. João Camillo Penna

Rio de Janeiro
2023

CIP - Catalogação na Publicação

d111c da Silva, Isabelle Pinheiro Gonçalves
O caminho de um estudo geoliterário: espaço,
escrita e memória / Isabelle Pinheiro Gonçalves da
Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.
39 f.

Orientador: João Camillo Barros de Oliveira
Penna.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Literaturas. 2. Ciência da Literatura. 3.
Geoliteratura. 4. Literatura Brasileira. 5. Poética
espacial. I. Penna, João Camillo Barros de Oliveira
, orient. II. Título.

O caminho de um estudo geoliterário: espaço, escrita e memória

Orientador: Prof. Dr. João Camillo Penna

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Data da avaliação: ____ / ____ / ____

Examinada por:

Prof. Dr. João Camillo Penna
UFRJ (Presidente da Banca Examinadora)

NOTA: _____

Prof. Dr.
UFRJ (Leitor Crítico)

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores:

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Soraia, por sua fé e alegria, por ter me escolhido para vida, sem seu cuidado e amor eu jamais poderia existir;

Aos meus irmãos Caroline e Júnior que escolheram ser meus amigos para além da irmandade;

Aos meus avós Maria Isa e Roberto que nunca me deixaram faltar o que comer, e à minha avó Maria José que me ensinou desde cedo até a sua partida a importância das delicadezas da vida;

Aos meus tantos amigos e queridos que cruzaram meu caminho nesses anos e me deram gosto por continuar nessa jornada, em especial meu amigo Guilherme Vieira “por motivos que já nem sei”.

Ao meu orientador João Camillo pelo encontro de vida e pela possibilidade de se construir tanto para além de uma orientação;

Às políticas públicas de educação implementadas por Lula e Fernando Haddad no Governo PT (2005-2010) que favoreceram as camadas mais pobres através da ampliação de vagas e construção de institutos federais de educação. Sem elas, jamais haveria um Colégio Pedro II na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e sem acesso a uma educação de qualidade como tive, tampouco teria ingressado na Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Às dezenas de professoras e professores que passaram pela minha vida, reconhecedores de minha trajetória e potencialidade, que me ajudaram de inúmeras formas e me inspiram até hoje;

Ao meu companheiro Nathanael Papi, com quem divido não só a vida como os sonhos, as angústias e o que me alimenta: o amor em plenitude;

E por fim, ao meu território – que tem início em Senador Camará - e a tantos outros nomes esquecidos, oprimidos e marginais que me atravessam com suas obras, poesias, artes, manifestações, canções, inspirações, dores e sabores... que contribuíram com meus sonhos e pesadelos mais abstratos em palavras e versos, que preenchem todo esse lugar que chamo de vida e que me apego em todos os cantos para continuar.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
TERRITÓRIOS INVISÍVEIS: A POÉTICA DAS RESISTÊNCIAS ESPACIAIS DOS ‘RIOS’ DE JANEIRO	8
MURO-EPITÁFIO: O CONSTANTE DA CIDADE, MORTE E LUTO	14
EPITÁFIOS VIRTUAIS: O CONSTANTE DA MORTE E O LUTO HOJE	22
A LITERATURA NUM MUNDO PÓS PANDÊMICO: RESPIRO, MEMÓRIA E CICATRIZ... ..	28
O CONTO “VISÃO DA BAGACEIRA” E A ESCRITA ENTRE BAGAÇOS E FARPAS DE MARILENE FELINTO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37

*Quando não tinha nada, eu quis.
Quando tudo era ausência, esperei.*

Chico César

INTRODUÇÃO

Quão importante é grifar no documento de conclusão de curso um percurso vivido nos anos de graduação? Por que se censura a execução de trabalhos acadêmicos que combinam a vida de estudos do autor com sua vivência particular dos estudos? Porque não se permitem ser os ensaístas dos próprios trabalhos, quando os autores são os melhores para dizer sobre aquilo que viveram e escreveram? E, portanto, caminhando com as vozes potentes surgidas na geração dos anos 2000, que de certa forma nos encorajam a escrever sobre nossas próprias experiências – não como um livro de confissões ou como manifestos pessoais, mas seguindo a ótica segundo a qual a experiência reside no corpo e o corpo reside na escrita. Trata-se, nesta pesquisa, de revisitar aquilo que outrora fora nosso e perceber, em nossos próprios objetos, percursos que atravessam perspectivas teóricas literárias, sem deixar que o texto deixe de ter menos calor dos corpos ou nem que os corpos inflijam desvio pessoal na análise. Essa foi a fórmula possível adotada neste texto.

O presente trabalho reúne todas as minhas produções e reflexões registradas desde em 2018, ano em que iniciei a iniciação científica da UFRJ. Essas produções e reflexões possuem um caminho comum, algo que poderíamos chamar de estudos geoliterários, que dão ritmo ao que agora escrevo e que também sustentam os pilares da escrita, do espaço e da memória, temas que atravessam os quatro trabalhos, apresentados em Jornadas de Iniciação Científica, aqui retomados e modificados: “Territórios Invisíveis: a poética dos Rios de Janeiro” (2018), “Muro-Építáfio: o constante da cidade, morte e luto” (2019), “Építafios-Virtuais: O constante da morte e luto hoje” (2020/2021) e “A Literatura num mundo pós pandêmico: respiro, memória e cicatriz” (2022).

TERRITÓRIOS INVISÍVEIS: A POÉTICA DAS RESISTÊNCIAS ESPACIAIS DOS ‘RIOS’ DE JANEIRO.

“os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita” (COLLOT).

Para abordar o que pretendo dizer aqui sobre territórios invisíveis e poética espacial quero, inicialmente, propor uma saída: que momentaneamente abandonemos tudo antes

consumido midiaticamente sobre o que compõe os bairros periféricos da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, periferias cortadas ou ligadas à linha férrea, de Deodoro à Santa Cruz, corredores de BRT e parte da Avenida Brasil, uma das principais vias de mobilidade da cidade. É fato que os territórios aqui trabalhados são objeto sistemático de projeções que limitam e até certo ponto impossibilitam uma reflexão mais abrangente e justa sobre o espaço e os agentes das produções artísticas e poéticas provenientes destes lugares.

O território e o invisível

O território compreendido como um campo de forças revela não só o seu caráter físico, mas seu caráter político-social. Atentemos para as seguintes definições:

O território surge na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidades, um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). (SOUZA, 1995)

[...] o território seria como um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade) e os “outros” (os de fora, os estranhos). (SOUZA, 1995)

Parto do segundo trecho citado, retirado do artigo “O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento” de Marcelo José Lopes de Souza, para introduzir o assunto que me interessa: a invisibilidade de certos lugares na cidade do Rio de Janeiro. O território concebido como uma “teia ou rede de relações sociais” nos permite fazer uma dupla leitura dos diferentes territórios da cidade do Rio de Janeiro: de fora, ou seja, a partir de suas narrativas estereotípicas e fixas, suas Zonas, fechadas em si mesmas, delimitadas por variedades geográficas, particularidades, divisões internas, bairros e sub-bairros. Ou de dentro, conforme a minha proposta nesta apresentação, de intervir nessas imagens rígidas, entender e mudar a percepção interna sobre as relações sociais e literárias, que compõem essas paisagens.

O que predomina nas narrativas tradicionais cariocas, e expandindo a escala, fluminenses, regionais e nacionais, é um Rio de praia, samba e violência exacerbada. E é sob essa violência que se estabelece o elemento central do invisível na cidade, os territórios inimigos - tornados invisíveis por serem inimigos - que povoam o imaginário da própria população, do leitor/telespectador que recebe, todos os dias, uma enxurrada de notícias sobre os tiroteios, assaltos, mortes que assolam esses territórios, permitindo que a leitura desses espaços seja vista somente por essa ótica: a violência como o elemento de ligação para com o resto da cidade, já que as favelas, antes de serem locais onde milhões de pessoas transitam e vivem, de acordo com todas essas informações massivas, são lugares que produzem a violência na cidade. Assim, a invisibilidade está de encontro com aquilo que é massiva e exclusivamente visível pelo excesso das narrativas de violência, que exclui a possibilidade de outras visibilidades que vem a seguir.

Partamos de algumas perguntas: o que ocorre com os próprios sujeitos sempre invisibilizados que ocupam esses espaços, ao serem contrapostos à única narrativa onipresente da violência, a partir do marco estabelecido pela geografia, e seus operadores: lugar, território e paisagem, ao pensar a relação entre espaço e sociedade? O que ocorre com o que é concomitante à violência? Como é possível que apenas uma única narrativa vigore sem uma pausa crítica para entender mais sobre as complexidades dos lugares: dos bairros, dos morros, daquilo que é distante do metrô, que não tem a "beleza natural" da orla e nem o desenvolvimento da Barra da Tijuca e Recreio (bairros referências para os poucos estudos e atenções prestadas à Zona Oeste)? Qual é o esforço para compreender a existência dos territórios no Rio de Janeiro, de construções e memórias distintas, de rotinas e deslocamentos pendulares e desiguais, de produção artística, visual, sensorial, gráfica e literária, as composições em prosa e poesia marcadas pela oralidade e por algo de extrema importância: a percepção espacial?

Esse movimento de descamar a invisibilidade leva a crítica, como disse acima, não só a pensar e a perceber a Zona Oeste, objeto dessa apresentação, como algo além, mas também nos força a considerar, observar e reconhecer o fenômeno, que aqui analiso, da produção literária, especificamente marcada por uma percepção espacial, que nos obriga a rever também a classificação de literatura marginal ou da própria literatura.

Poéticas, visibilidades, percepções e resistências

Em “Estação de Padre Miguel”, conto do livro *O sol na cabeça* (2018) de Geovani Martins, há uma compreensão própria sobre o espaço que é percebido ali, a descrição dos personagens nos permite verificar que são agentes "de dentro", que estão dentro da trama, do bairro, da cidade, da estação e circulam por aquele território compreendendo sua dinâmica, pelo campo de forças exercido no interior do território. É literalmente fantástico perceber no conto a qualidade dos dados e interpretações atravessadas pelos meninos, nessas narrativas que se situam no ponto de convergência entre o dentro e o fora, o ponto de uma percepção que não tende a ser amenizada ou distorcida pelo fora, que é fantástica porque vem de dentro, um dentro territorial e espacial que aqui converge com o dentro e fora poético.

Vivências, memórias e principalmente reflexões são as marcas do livro como um todo, mas, “Estação de Padre Miguel” tem uma carga de prosa poética marcada inteiramente pela territorialização do topônimo de uma estação de trem. A narrativa se inicia com algo que não é propriamente uma descrição, o narrador relata a proibição do crack naquela região:

Na linha, tenho certeza estava proibido. Tanto que quando chegamos não tinha uma alma viva por lá. Da cracolândia só restava o lixo e o cheiro: copos de Guaravita, pedaços de roupas, filtros de cigarro, merda humana, isqueiros sem gás. Sentamos em cima dos trilhos, onde era sempre mais limpo do que as encostas do muro que cerca toda a linha do trem até chegar na estação [...]. (MARTINS, 2018, p.71)

O conto inteiro é envolvido por esse cenário, que pulsa sobre as linhas - da folha de papel, do trem - que tem o odor que perpassa as cenas que temos diante dos olhos, a agonia que permeia a mente do narrador e se conflagra com a vida dos outros personagens, tudo sob um cenário da vida cotidiana, situado em um lugar de cursos e percursos, de saídas e acontecimentos urbanos. A poética envolvida na composição desses elementos é muito mais do que uma história contada por um eu lírico em prosa poética, há nessas escritas que analiso algo como uma segmentação (territorial e literária) que coexiste na produção dessas escritas, que fazem convergir, como venho falando aqui, o dentro e o fora.

O conto desenvolve uma percepção territorial que nos interessa, o ponto de vista aqui representado é outro, é o ponto de um sujeito que está dentro desses territórios, territórios que, agora percebemos, não são de fato invisíveis, mas sim, invisibilizados. O de dentro sempre existiu, o de dentro sempre produziu percepções e análises sobre o que tem ali, no bairro/região ou pelo restante da cidade:

A noite protegia os que tinham medo de explanar o vício. Quando escurecia, na linha do trem ninguém mais tinha nome nem rosto para quem parasse de fora, era tudo um único monte de viciado.

- vocês só falam de droga, nunca vi (...)

- isso porque o mundo tá drogado irmão, Até parece que tu não sabe. Já te falei, vou falar de novo: uma semana sem drogas e o Rio de Janeiro para. Não tem médico, não tem motorista de ônibus, não tem advogado, não tem polícia, não tem gari, não tem nada. Vai ficar todo mundo surtando de abstinência. Cocaína, Rivotril, LSD, crack, maconha, Novalgina, não importa, mano. A droga é o combustível da cidade.

O Alan adorava falar isso, a gente adorava ouvir.

- A droga e o medo – concluí. (MARTINS, 2018, p.75)

Para além da obra grandiosa que é *O Sol na cabeça*, há outros agentes dessa produção literária que construíram ou estão construindo textos literários escritos a partir da convergência entre o social e o espacial. Uma dessas obras, bastante conhecida, é o *Guia Afetivo da Periferia* (2009), de Marcus Vinícius Faustini, um livro/biografia dividido em pequenos fragmentos de tramas urbanas, escritas pela mão de um sujeito atravessado por esses percursos pendulares na cidade, que esmiuça uma parcela da vida, das percepções e análises do subúrbio. Apesar das críticas ao livro, que não me cabe aqui expor, vale chamar a atenção para essa escrita que me faz percorrer, junto ao narrador, essas memórias afetivas de um lugar desafetado ou de cujo afeto passamos em geral desapercibidos - do olhar de fora. Percorro também, junto ao narrador, esses deslocamentos massivos, com mobilidade urbana caracteristicamente escassa, já que o tempo alargado em um transporte público é, sem dúvida, um parâmetro importante a ser levado em conta nas reflexões que trago aqui. A população de dentro desses territórios convive com o desconforto, às vezes diário, da passagem de tempo dentro de um trem, ônibus, brt, van. Campo Grande é longe do Centro assim como o Centro é longe de Campo Grande, mas mudar os pontos do mapa nunca foi uma opção, nem passiva de reflexão.

Invertendo as percepções

Abordei brevemente aqui algumas questões que precisam ser urgentemente pensadas a partir da relação imbricada entre lugar, território e literatura. Trata-se de espaços massivamente invisibilizados, que sugerem um exercício de percorrer novas rotas

e novos pontos do mapa da cidade, fazendo compreender um pouco como funcionam as divisões e fraturas da cidade, como podemos identificar com mais cuidado as produções literárias, e como se pode tratar de literaturas produzidas em espaços marginalizados, como algo que vai além de uma literatura marginal. Uma literatura que transborda da sua posição de acessório dentro da academia, dentro das universidades, é uma literatura que tem uma potência social-política-territorial extremamente significativa, pois existe também para ser o olho que vê, que enxerga, que dá sentido.

Em 2014, foi publicado o livro *O fiel*, de Jessé Andarilho, que também é fonte inesgotável de reflexões e de estudos que giram em torno de poética, afeto, poder, território e violência na cidade do Rio de Janeiro. Sua escrita percorre as viagens de trem da Central do Brasil até a estação Tancredo Neves, próximo à favela do Antares.

O livro, como o subtítulo já diz, traz “a vertiginosa ascensão e a queda de um menino no tráfico carioca” da favela do Antares. Em um trecho particular se explicita um pouco a extrema importância e potência emprestada por essa literatura às construções sociais e espaciais invisibilizadas, para denúncia, para se opor.

(...) Muitas pessoas morriam nessas operações. E sempre ficava por isso mesmo, já que a favela onde moravam era longe do Centro da cidade e da Zona Sul. Sentiam-se esquecidos do mundo. O governo só se lembrava deles na época de eleição. quando mandavam passar máquinas para limpar o valão, voltando só dois anos depois para limpar novamente. Asfalto, eram duas ruas por vez. E, quando as eleições terminavam, a obra parava e só voltava na próxima campanha eleitoral. (ANDARILHO, 2014)

Essa literatura espacial se propõe assim o imperativo de dizer o que é invisível aos de fora, que desconhecem a realidade de dentro, de descrever, como um ato poético que lhe é próprio, ou de conferir o direito de apenas existir, sem muitos motivos, como é direito de qualquer literatura, como deveria ser o direito de qualquer canto desta cidade, como deveria ser compreendido esse Rio, que na verdade são Rios, no plural. Esta literatura espacial, territorial, portanto, lida com uma vasta pluralidade de lugares, construções, socializações e permanências que a todo instante se dissociam de uma cidade "maravilhosa", "da beleza e do caos" e se aproxima destes sujeitos que escrevem poesias, textos, contos, artigos, apresentações em Universidades, alertando para o que literalmente é esta Cidade.

MURO-EPITÁFIO: O CONSTANTE DA CIDADE, MORTE E LUTO



Figura 1 - Muros-epitáfios, mensagens anônimas de luto e saudades em Vila Aliança, Rio de Janeiro. (Arquivo pessoal, 2019)

Para chegar ao objeto de estudo deste capítulo de minha monografia, precisaremos retornar aos cenários situados nesta cidade-tema, Rio de Janeiro. Não excludo aqui que outros espaços possam servir de palco de experiências e mensagens como as que aqui analiso, o mesmo fenômeno é notável em diversos lugares da própria região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Os fenômenos geoliterários que discuto nesta pesquisa iniciada em 2018 podem, sem dúvida, ser percebidos em outros lugares que vivem uma realidade de repressão semelhante, mas não é meu objetivo aqui analisá-las. Também não é minha intenção fazer um juízo de valor sobre os atos que levaram às mortes dos mortos homenageados nos muros que estudo, com seus nomes ou codinomes grafados nos muros. Este trabalho não se situa no campo do Direito Criminal ou Penal, a poética espacial – que é o que me interessa aqui – encontra-se um tanto distante do cerne do juízo institucional.

Aqueles que vivem

Tomo como ponto de partida o duplo foco de análise estabelecido pela pesquisa: *territórios invisíveis e poesia espacial*, que processam aspectos de registro e configuração urbana – como a territorialização, violência e poder – além dos espaços e processos de invisibilização, através da escrita e da memória, dos territórios à margem e tudo o que os constitui. Retomo a rubrica "poética espacial", que surge na escrita ou no registro, e performa uma convergência entre o dentro e fora do sujeito, estabelecendo uma ruptura com o processo de invisibilidade, a partir da mudança de percepção sobre o território

invisibilizado. Nesse movimento de se ver e mostrar o que não se quer que seja visto, sublinha-se a percepção e leitura do próprio indivíduo invisibilizado do espaço e seus elementos constitutivos. É por este caminho que convido a reflexão que envolve cenários que, a princípio, por todo o consumo exaustivo, midiático, parecem não merecer a atenção de ninguém. Penso nos muros, estes elementos físicos que rodeiam a cidade, protegem propriedades, circunscrevem territórios, que servem aqui a uma finalidade estranha ao seu desígnio original, de espaço para uma escrita de algo que foge ao diálogo, inscrevendo a vida cotidiana da cidade que pulsa deslocamento, medo, violência e perversidade. O muro é exposto e expõe, tanto para aqueles que veem, quanto para aqueles que escrevem nele e o sentem. E sentir o muro é observá-lo, tanto em sua função segregatória, quanto em sua função político-poética; trata-se de um livro comunitário, marginalizado e cotidiano, embutido na prática das pichações e dos grafittis, que viram temas de dissertações, produzem adrenalina, mas constituem sobretudo uma expressão concreta de uma poeticidade espacial. E por outro canal de percepções, por um outro ponto de vista, nestes espaços, muros se tornaram lápides, eles são instrumentos que resgatam a memória daqueles que se foram, mas não em qualquer ida, não em qualquer muro. Nessas inscrições o que predomina é a coexistência de nomes e mensagens expressas, nas pequenas avenidas, ruas, vielas e becos que compõe um *território invisibilizado*. Mas antes de falar mais sobre isso, preciso atravessar uma série de discussões que vão ajudar a compreender do que se trata aqui.

A insegurança pública

É notório nos movimentos, tanto populares quanto institucionais, a tentativa de se compreender e solucionar os problemas de Segurança Pública no Estado do Rio de Janeiro, porém o debate parece ser quase exclusivamente limitado a soluções que visam em geral a justificar o exacerbamento das políticas de extermínio do estado para um problema tão enraizado e complexo, envolvendo toda uma historiografia institucional e social. Embora as informações a respeito sejam bastante lacunares, é possível afirmar que até 11 de junho de 2018, data da Lei nº 13.675, que tem por objetivo amenizar os impactos na vida da população extremamente atingida por situações de violência cotidiana, não existia qualquer Lei ou Projeto aprovado que fosse voltado especificamente para a Segurança Pública. Além disso, não há ferramentas adequadas para se avaliar a qualidade e a

efetividade desta Lei, e a população vulnerável continua a viver à mercê de narrativas de segurança veiculadas pela grande mídia, que tendem a justificar as causas de violência estatística apoiando-se num suposto combate à criminalidade que só fere determinados corpos.

É também sabido que essas narrativas, midiáticas e tradicionais, convergem no que concerne a "lógica" totalmente arbitrária, do jargão publicitário tão aclamado, "Combate às drogas", que vem contribuindo a todos os instantes para que estas ações estatais, especificamente da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, perpetuem suas violências. Não é segredo tampouco que a circulação de drogas ilícitas no Rio de Janeiro não é limitada ao tráfico dentro de Favelas, territórios particularmente fragilizados pelo tipo de representação veiculada pelos meios de comunicação e pelo estado.

O mote "Combate às drogas" ou o alternativo, "Guerra às drogas", sempre esteve massivamente veiculado em campanhas políticas, por décadas. O jargão utilizado promove a construção do terror que a palavra semanticamente pode anunciar: ele literalmente produz a Guerra de que fala. Na guerra é permitido matar e morrer por um objetivo maior, que é vencê-la. Neste cenário, o Estado do Rio de Janeiro contabilizou 1814¹ pessoas assassinadas em 2019 (dados referentes de janeiro a dezembro) em decorrência de operações policiais, ou como o dado do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro aponta, o número é correspondente às mortes por intervenção de Agente do estado. Em cada operação o problema parece ser intensificado, não há melhora e muito menos eficácia. Isto, claro, é uma crítica de alguém que espera que o Estado forneça segurança para a sociedade civil. Como frisa o historiador Luiz Antonio Simas: a Polícia Militar do Rio de Janeiro foi criada para o combate de corpos e, durante todas as décadas de sua existência, ela vem cumprindo com aquilo que é o seu mandato de origem: matar. Em todas as operações policiais, corpos civis e militares perfurados tombam no chão asfaltado (ou não), de ruas, becos e vielas de *territórios invisíveis*, e contrariando as expectativas em um sucesso da repressão defendida pelo Estado, o cheiro da maconha, – uma das principais drogas comercializadas e supostamente combatidas no Rio de Janeiro – continua exalando nas orlas marítimas cariocas e em qualquer ambiente, diurno, vespertino e noturno, que esta cidade em trânsito (e em transe) abriga.

¹ Dados do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, disponível em: <http://www.ispvisualizacao.rj.gov.br/>

Novamente, retorno à "lógica" totalmente arbitrária de promover aos quatro cantos um combate que sequer é de fato realizado; as drogas estão localizadas em lugares perfeitamente conhecidos, mas muito mais importante do que essa atividade, o papel e razão de ser da Polícia Militar, camuflada por estas noções, o fato de que o combate efetivo é o combate dos corpos, e estes continuam perfeitamente morrendo e matando.

Sobre os combates aos corpos, o filósofo camaronense Achille Mbembe, nos alerta sobre o horror das políticas de morte insurgentes na contemporaneidade, as "formas de soberania" baseadas na "instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações". (MBEMBE, 2018, p. 10-11).

Números

Hoje em dia temos estimativas do número real de assassinatos, mas esses não conseguem dar conta do que de fato ocorre com as mortes de sujeitos que ninguém vê. Os números sobretudo mentem por não promover, de fato, clareza sobre as existências dos mortos, por não promulgar discussões acerca do tipo de política que vem sendo implementada. Os números mentem por ainda não ultrapassarem as barreiras da estatística, que nos chega fria, impermeável às entranhas do que os próprios títulos trazem, o território em que o contato para com o resto da cidade é a violência. Esses números configuram um mapa de mortes, de ausências de vidas, e mais uma face do *invisível*: o cotidiano de mortes.

Muro-epitáfio

Há um fenômeno que desde menina observava pelas paredes do lugar onde moro, Senador Camará, zona oeste do Rio de Janeiro. A expressão "saudades", palavra tão expressiva da Língua Portuguesa, sempre me chamou atenção nos muros pichados, porém não sabia por que motivo aquelas homenagens circulavam apenas naqueles lugares específicos. Quando cresci e comecei a andar mais na cidade, percebi que a ocorrência destes registros ocorria frequentemente em muros que faziam fronteiras entre territórios de favela, os mesmos territórios invisíveis, como venho dizendo. São mensagens expostas, que gritam sob os meus olhos desde que me surgiu este questionamento, desde que comecei a procurar no "asfalto" o mesmo fenômeno e não encontrei. Por isso, em parte,

engatei nesta pesquisa, na tentativa de correlacionar esses fenômenos tão constantes. E acabei encontrando causas, encontrando evidências, em minha própria experiência, como moradora de um destes espaços, onde a partilha da espera da morte e do luto é algo constante.

Em nossas ruas, em nossos bairros, os nomes ou expressões inscritas nesses muros não são de desconhecidos, eles nomeiam corpos vivos que circulavam nesses lugares, eram pessoas vivas como hoje ainda estou viva. No caminhar de toda essa reflexão e leitura destes espaços, os muros falavam para mim de um encontro ainda mais particular, pois eu que aqui escrevo, outra hora posso, talvez, ter meu nome inscrito em uma dessas paredes, seja acompanhado da palavra "saúde", seja acompanhado de um verbo que talvez seja ainda mais forte neste espaço: "Vive". "Vive", pois, viver é posto em dúvida agora (por exemplo, durante uma operação policial) pois viver é uma dúvida exposta ao amanhã. A espera da morte é tão intensificada, o sangue não é raro no chão, na poeira. Os projéteis são expostos, eles também inscritos, perfuram telhados, paredes, corpos. Não se trata de uma dramatização, não se trata de um exagero, é a realidade, é o que não cessa. Ocorre constantemente, ou como gostaria de dizer: *no constante*. Eles são *o nosso constante*. Paira sobre tantas fotos de muros que registrei, de tantos outros que não consegui fotografar e ainda de vários que estão sendo reparados, destruídos ou utilizados.



Figura 2: Variações do muro-epitáfio: Vive. (Arquivo pessoal, 2019)



Figura 3: Variedade do que se inscreve nos muros. (Arquivo pessoal, 2019)



Figura 4: A condição mutável do muro, mesmo com uma reforma é possível enxergar resquícios de um muro-epitáfio. (Arquivo pessoal, 2019)



Figura 5: Concomitância com pixações. (Arquivo pessoal, 2019)

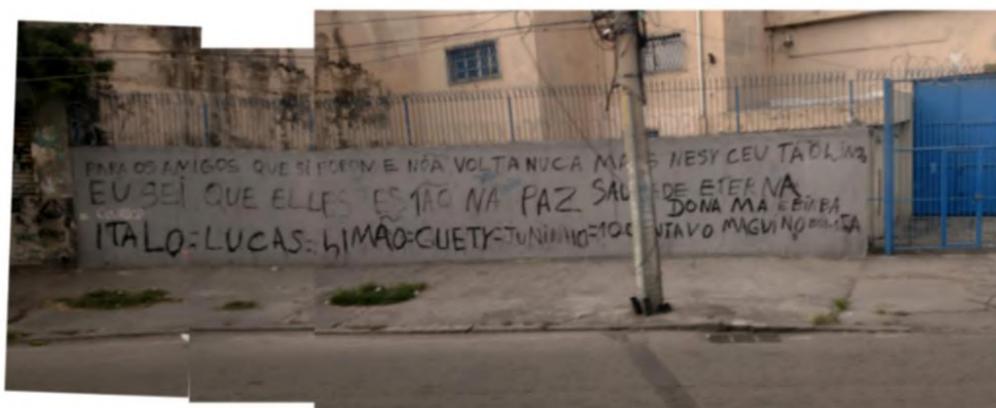
As fotografias dos muros, que compõem esse capítulo foram tiradas durante meu itinerário de Senador Camará, onde resido, até o Fundão, onde estudo na Faculdade de Letras da UFRJ, passando por alguns bairros vizinhos no caminho. O objetivo deste capítulo é tentar entender o que são esses muros: uma comunicação da cidade, um livro comunitário onde se manifestam diversos movimentos inclusive a construção desses verdadeiros muros-epitáfios para aqueles que já se foram, uma denúncia de um Estado genocida, a partir de uma interpretação construída e lida nos muros.

Estes muros-epitáfios, como escolhi designá-los, trazem também uma desordem no pensamento, ao repor uma questão sobre o espaço. Eles formulam a pergunta: onde estão as lápides dos mortos? Há lugares específicos na cidade, os cemitérios, relacionados a toda uma série de rituais particulares de passagem, homenagens localizadas nas fronteiras do privado, com suas fotos guardadas, cartas, mensagens virtuais postadas e lembradas. Certas homenagens de mortos históricos produzem nomes de ruas, de praças, avenidas e escolas. Podemos extrair uma cartografia, dos tributos 'in memoriam' do Rio, uma essência, expressivamente marcada nos mapas, de homenagear mortos-históricos. Talvez o fenômeno que estou descrevendo aqui de lapidar no muro uma homenagem, uma saudade coletiva, às vezes, não lida em um mapa, mas inscrita numa paisagem, numa passagem,

num esboço expresso à tinta, possa ter surgido desse desejo de homenagear os mortos que nomeiam ruas e praças. Talvez eles sejam como nossas ruas e praças que buscam se tornar visíveis. O que por sua vez suscita outros questionamentos: o porquê destas passagens individuais, o porquê desta ação, deste registro tão situado? Sequer é possível encontrar os que homenageiam, todos imersos nos dilemas do anonimato. Em meio a estas dúvidas, surgem outras, ligadas à questão da ordem e da desordem: Quais são os nomes das ruas e praças? Quais são os nomes inscritos nos muros?

Aqui, o muro talvez possa ser esta homenagem fragilizada com o tempo, esta tentativa de imprimir no presente as histórias que sequer são descobertas, que sequer são imaginadas, traduzidas apenas em unidades estatísticas. Nas figuras 2, 3, 4, 5 temos a presença de distintas manifestações em muros que nos remetem a um muro-epitáfio, a uma homenagem inscrita de forma anônima mas não menos desconhecida: sabe-se que ali está a morte, a saudade e o luto.

Frisar os nomes nos muros é construir um ambiente de recordação para aqueles que passam, para denunciar tantos nomes de tantas vidas constantes de mortes, de esperas. De percepções abaladas e destruídas por uma política de massacre. Os nomes nos muros também denunciam. A poética expressa nestas superfícies escritas serve para nos sensibilizar os olhos e lembrar daqueles que 'se foram e não voltam nunca mais.'



aqueles que foram e não voltam mais.

Figura 6: Colagem realizada a partir de fotos retiradas em uma viagem até o fundão, o muro era próximo à estação de BRT da Maré, a homenagem aos enlutados foi feita a tinta e manifesta um sentimento de saudade a tantos que se foram (Arquivo pessoal, 2019)

EPITÁFIOS VIRTUAIS: O CONSTANTE DA MORTE E O LUTO HOJE²

“não há quem goste de ser número
gente merece existir em prosa”
Memorial Inumeráveis

Em março de 2020 foi decretada a pandemia mundial de Covid-19. Este capítulo de minha monografia não pretende tecer a história dos meses de pandemia, ainda permanecemos de certa maneira nela e seria redundante, ainda que não apareça, e além do âmbito deste trabalho, fazer essa história. O fato é que todos os dias em todos os canais de comunicação há massivas informações sobre o vírus que se potencializou, levou e leva à morte milhares de vidas diretamente relacionadas a um descaso de política social. O descaso é observado pela ausência de medidas políticas preventivas ao vírus, que desde os primeiros alertas e até hoje se mantém negacionistas quanto ao horror em que vivemos. Combinada a uma política pública mortífera, a sociedade em muitos aspectos se projetou em uma extrema banalização da vida e do cuidado. Nos capítulos anteriores deste trabalho eu já tocava nesse assunto, mas a combinação perversa que vemos hoje (em 2021) significou um aumento progressivo ao que eu relatava antes. A partir da pandemia, o objeto de estudo que perpassa pela morte e o luto encontra-se em outra escala geográfica que acompanharemos ao longo deste capítulo. O trabalho propõe entender os passos que compõem esse deslocamento e confronta a dificuldade de encontrar fazeres poéticos que nos permitam reconstruir a memória e o luto em um país onde os sujeitos que se vão e as famílias enlutadas, aumentam em números a cada dia.

Retornando aos muros

“Epitáfios virtuais: o constante da morte e o luto hoje” trata-se de uma inusitada fase do trabalho sobre muros, que reúnem mensagens anônimas de luto e saudades deixadas nos muros da cidade do Rio de Janeiro, especificamente em bairros com alto índice de violência, relacionados ao tráfico de drogas e à inúmeras intervenções da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Eu me interessei em estudar um tipo de poeticidade

² Capítulo escrito em 2020-2021 durante a pandemia de Covid-19, em pleno governo Jair Messias Bolsonaro.

que essas inscrições construía, nas homenagens de saudade ou de luto por alguém falecido, como visto no capítulo anterior, o teor poético a que me estou referindo se situa no misto de reconstrução da memória e homenagem, numa espécie de epitáfio. As fotografias dos muros, que tiradas em meu itinerário de Senador Camará até o Fundão, constituem uma denúncia de um Estado genocida, a partir de uma interpretação construída e lida nos muros. A pesquisa permaneceria na investigação das outras manifestações nos muros já que a análise revelava o caráter comunitário e diverso das inscrições físicas, mas em março de 2020 subitamente o mundo se deparou com a falta de ar.

Estamos sem ar

À medida que o isolamento se consolidava e as diversas perguntas sobre o então novo vírus iam se multiplicando, muitas delas sem resposta, a pesquisa sofreu um giro inesperado, a angústia de como prossegui-la tomou conta da sua própria realização. Porém, com o avanço da doença e à medida que o descaso político e social do governo, como já foi dito, desinteressado pela redução de danos da doença, e diante do aumento exponencial das mortes diárias, algo da angústia presente do capítulo anterior retornou com muito mais força. As mortes, o luto coletivo e a necessidade anônima de reconstruir memórias, se deslocou para uma escala macro, uma escala que dizia respeito não mais apenas ao Rio de Janeiro, mas ao Brasil como um todo: elas passaram a vir de todos os cantos.

Os epitáfios também se deslocaram. Neste trabalho apresento uma obra-virtual “Inumeráveis”,³ que fornece um epitáfio virtual equivalente dos muros físicos ao dar os nomes dos mortos de Covid, nomeando aqueles que, do contrário, permaneceriam apenas números contados aos milhares que nos são entregues diariamente. As “informações” sobre as mortes passaram a ser veiculadas pelo mecanismo virtual, como até mesmo esta apresentação também se realiza virtualmente. (A apresentação da JIC de 2020-2021 foi feita via remota). No site, há o registro por ordem alfabética das milhares de pessoas que faleceram de Covid. A obra, ao contrário das inscrições dos muros, possui autoria conhecida, foi elaborada pelo artista Edson Pavoni e conta com a colaboração de dezenas de voluntários que atualizam a plataforma diariamente.

³ A obra pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <https://inumeraveis.com.br/>

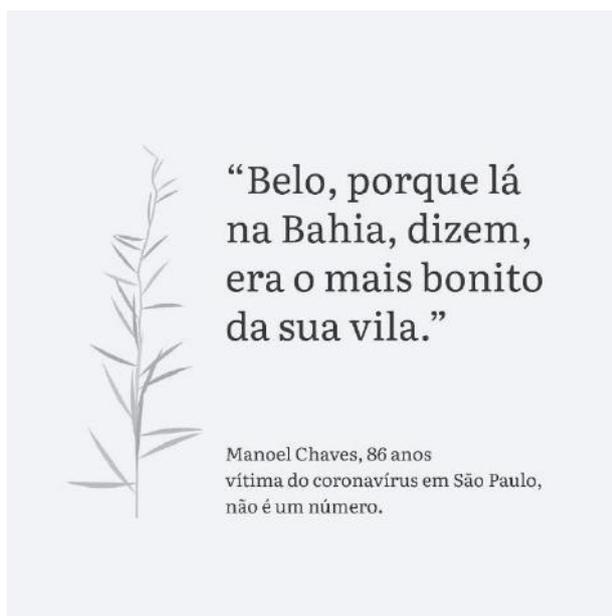


Figura 7: Epitáfio virtual (Inumeráveis, 2021)

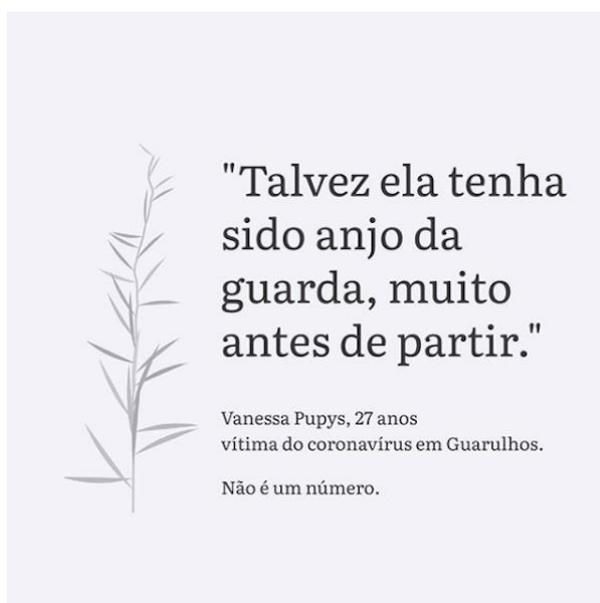


Figura 8: Epitáfio virtual. (Inumeráveis, 2021)

Os registros poéticos grafitados nos muros que ocorriam em lugares específicos eram agora suspensos ao ar, sob a forma do espaço virtual, no momento em que o próprio ar aos poucos tomava outra dimensão, seja local, nacional e internacional. Parece-me urgente entender o significado dessa suspensão para o que entendemos por poesia. A suspensão do muro é uma suspensão do ato poético, que antes funcionava como um contraponto às centenas de mortes por violência no Rio de Janeiro. Há alguns paralelos entre as mortes por violência armada policial e as mortes de Covid. Como já escrevi acima, os índices de morte por violência policial são anunciados diariamente, e acabam se

consolidando em apenas um número. Exatamente como nas mortes de Covid. As mortes também se anunciam como um dado vazio veiculado todos os dias, muito distante da memória e do luto vivenciado por essas mortes.

A poesia como a dor então se suspende, sobram apenas os números, a informação de 2 ou 3 mil mortes diárias comparece na mídia hoje e a cada dia junto do noticiário sobre o clima no país e as previsões meteorológicas. Ainda que haja um esforço da mídia para aquecer o número, as mortes não param e hoje as quase 300 mil vidas perdidas estão sob uma ótica da informação cotidiana.

Covas abertas por todo Brasil

Nos primeiros meses da pandemia, telejornais e jornais da mídia tradicional impressa veiculavam notícias e imagens angustiantes e estarrecedoras, que deverão estar na história de como o país passou pela pandemia da Covid-19. Ainda que imagens de covas abertas, leitos lotados, profissionais desestruturados e exaustos não foram suficientes para promover comoção ou gerar responsabilidade no governo, as famílias afetadas e principalmente a parcela do Brasil que esteve e está sobrevivendo em meio ao caos, inúmeras vezes se encontrou sem chão, como é o caso também da construção desta apresentação. O relato que ficará deste momento, para minha trajetória e pesquisa, é de uma angústia sentida, principalmente quando me dava conta da suspensão essencial de nossas vidas. É aqui que situo o maior deslocamento com relação ao momento anterior do projeto, quando os epitáfios eram inscritos em muros físicos, vistos, anônimos; ali havia um chão, uma comparação com outros muros, com outros pedaços da cidade, com outros modos de comunicação. Enquanto agora estamos sem chão.

Neste momento, as covas abertas e fechadas visualizadas pela mídia se transformaram no cenário dominante de comunicação, a vida virtual e televisiva que prevaleceu, quando o cuidado era e é necessário, parece não dar conta de apresentar um comparativo, como na pesquisa anterior, quando as estatísticas de mortes locais correspondiam a lugares específicos. Com a Covid, as mortes são apresentadas em quantitativos nacionais ou no máximo regionais. Talvez os quantitativos internacionais nos permitam comparar a maneira como as gestões de outros países estão lidando com a

pandemia, mas as estatísticas nacionais do Brasil, não permitem este comparativo⁴. Ficamos sem um respiro, um chão. Padecemos como sobreviventes, por agora, pois sabemos que a qualquer momento o vírus pode chegar e muitas vezes não pelo nosso querer, mas por nossa condição precária e pela falta mínima de cuidado público e de medidas sanitárias adequadas que pudessem nos ajudar. Se suspendemos no ar a palavra, a vida e a graça, se suspende a poesia e seus atos, ainda que as encontremos, vez ou outra, porque a vida insiste em se manter. E é nesse momento que se encontram palavras, nomes, famílias, histórias, memórias. É em um acesso à uma plataforma digital, inumeráveis que se lê o nome dos mortos de Covid e abaixo um verso, que parece dissolver o número, fazendo aparecer o sujeito e sua palavra, que é ainda maior que o número, que é propriamente inumerável. O trecho abaixo é retirado do poema “Silva Antígona” da poeta carioca Tatiana Pequeno. Dou a ele um outro título, mais adequado ao sentido específico que depreendo dele.

Um pouco de chão

boa será mesmo a poesia que apenas
indique nos seus versos mais rupestres os
caminhos que tenham levado a sabedoria
lírica os rios as violetas e os humanos
mais sensíveis à sua completa extinção
(PEQUENO, 2019)

Para a realização desse trabalho, além de acompanhar diariamente os canais de comunicação e ler sempre postagens virtuais sobre os falecidos de covid-19, fui atravessada por duas leituras essenciais que me alertaram tanto sobre a falta de ar quanto sobre o que arrisco chamar de "suspensão poética". A primeira é o poema acima mencionado, de Tatiana Pequeno, de que cito um trecho. Seria de grande valor e importância destrinchá-lo e revelar todas as suas contribuições para o que estou apresentando, mas neste capítulo só é possível reconhecer a sua contundência, que nos fala da própria poesia e sua história, que se fez extinta em muitas passagens pelo ano de 2020, como os retrocessos assistidos e os incêndios programados em nossas matas. Nossas possibilidades de extinção, tanto o corpo precário quanto o corpo sensível estão sob

⁴ Hoje esse comparativo já pode ser realizado através do relatório da CPI da Covid-19 aprovado em 26 de outubro de 2021, disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>

ameaça, o corpo que sente, que anseia dias melhores que custam a chegar, e um corpo atacado, que precisa do isolamento para não contrair o vírus.

Outra leitura que acompanha os pensamentos aqui escritos e lidos, é um texto do filósofo Achille Mbembe que lá no início da pandemia provocou questões sobre o pós fim da pandemia. Falo de “Direito Universal à respiração” publicado pela editora n-1. Resumindo bruscamente o texto, Mbembe traz à tona nossas ruínas físicas e nossa condição precária global, com sua escrita-denúncia; ele vai em nossa ferida, o corpo e sua finitude. Embora haja mais conteúdo de Mbembe que colabore para sustentar o eixo desse texto, destaco seu questionamento enunciado alguns meses atrás (2020): “Será que a terra, para os humanos, estaria em vias de se transformar em uma roda de despedaçamento, uma necrópole universal?”. A pergunta direcionada ao mundo, por inúmeros fatores apresentados, como a precariedade de serviços de saúde mundial, me serve hoje como uma epifania não intencional sobre o Brasil, com sua condição caótica, mortífera e desencantada. O então epicentro de regresso e de pandemia. O que Mbembe traz é ainda mais uma condição para nossa extinção.

Dedicatória

A dificuldade da realização desse capítulo foi imensa, embora não haja um fim e sim apenas recomeços ainda mais devastadores, como foram as últimas semanas de março de 2021. Um ano depois do início da pandemia encontram-se mais sujeitos enlutados sem qualquer espaço para se reconstruírem da dor e do luto.

Mas não estagnamos, há produções, como os "Inumeráveis", raízes que não foram destruídas, tentativas de construir um contraponto para o horror descrito e vivido por nós. Sustentamos então nossa comunicação virtual, que nos serviu, ainda que de maneira pálida, para continuar a inscrever e descrever memórias, a marcar profundamente o pedaço de tempo que a morte e o luto estão constantes.

Finalizando este capítulo, dedico este trabalho a todos aqueles que se foram no último ano sem o direito universal ao ar, sem o direito humano ao cuidado. Que suas memórias estejam sempre presentes no futuro e que as cicatrizes sirvam de alerta aos culpados que potencializaram o vírus e a morte.

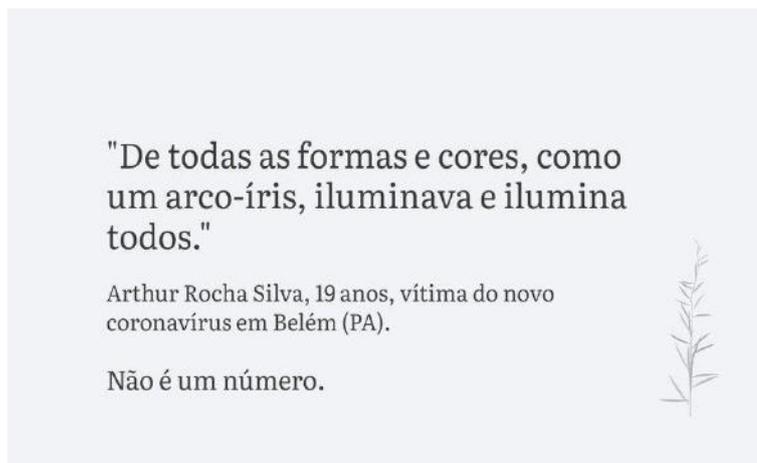


Figura 9: Epitáfio Virtual (Inumeráveis, 2021)

A LITERATURA NUM MUNDO PÓS PANDÊMICO: RESPIRO, MEMÓRIA E CICATRIZ

No cru da discussão, a memória e a escrita se apresentam, através de diversos trabalhos, colóquios, seminários, livros e artigos, um campo já esgotado – do qual não há mais como extrair o que dizer - ou um lugar resolvido, entendido dentro de sua própria condição conceitual. Mas, anterior mesmo à discussão sobre a memória, anterior à sua condição de conceito, aspecto e teoria, a memória, da maneira que permeia o nosso dia a dia, é o espaço onde se localiza o passado. Este capítulo de minha monografia, sofrendo todos os riscos das possibilidades do futuro, foi uma projeção da memória do então presente de 2021. No meio da pandemia em uma fase da vacinação, falar sobre o pós-pandêmico era mais do que uma aposta, era uma tentativa de construir maneiras no próprio presente de recuperar a memória, registrar o que então era possível fazer no momento, ancorando e projetando no momento de enunciação um futuro lugar de referência, o lugar sensível, porém não frágil, onde pudesse ocupar o passado.

O Começo e o Fim

Adiante a leitura na íntegra do poema “Fim e começo” da poeta polonesa Wislawa Szymborska

Fim e começo

Wisława Szymborska

Depois de cada guerra
alguém tem que fazer a faxina.
Colocar uma certa ordem
que afinal não se faz sozinha.

Alguém tem que jogar o entulho
para o lado da estrada
para que possam passar
os carros carregando os corpos.

Alguém tem que se atolar
no lodo e nas cinzas
em molas de sofás
em cacos de vidro
e em trapos ensanguentados.

Alguém tem que arrastar a viga
para apoiar a parede,
pôr a porta nos caixilhos,
envidraçar a janela.

A cena não rende foto
e leva anos.
E todas as câmeras já debandaram
para outra guerra.

As pontes têm que ser refeitas,
e também as estações.
De tanto arregaçá-las,
as mangas ficarão em farrapos.

Alguém de vassoura na mão
ainda recorda como foi.
Alguém escuta
meneando a cabeça que se safou.
Mas ao seu redor
já começam a rondar
os que acham tudo muito chato.

Às vezes alguém desenterra
de sob um arbusto
velhos argumentos enferrujados
e os arrasta para o lixão.

Os que sabiam
o que aqui se passou
devem dar lugar àqueles
que pouco sabem.
Ou menos que pouco.
E por fim nada mais que nada.

Na relva que cobriu

as causas e os efeitos
alguém deve se deitar
com um capim entre os dentes
e namorar as nuvens. (SZYMBORSKA, 2011)

Neste capítulo não tenho a intenção de esmiuçar o que o poema nos entrega em sua totalidade, mas a fissura que trago se situa na capacidade de colher fragmentos, que mesmo não idênticos ao cenário da guerra, estejam tangenciados pelo lugar comum entre o que Wislawa escreve e o que vivemos no depois, na nossa tentativa de nos reorganizarmos após o período traumático de mortes e estabelecimento de sequelas. Hoje, fevereiro de 2022 (data da comunicação da JIC), é possível dizer que sobrevivemos ou tentamos sobreviver ao Brasil, em sua condição caótica, mortífera e desencantada. O então epicentro de regresso e de pandemia.

A partir da leitura do poema “fim e começo” é possível se questionar no agora nossas tentativas de agir sobre o presente, o presente marcado por essa memória de tantas perdas e desconcertos na estrutura que vivemos. O que é necessário para não se fazer esquecer do que passamos? De um modo diferente da guerra, a pandemia possuiu uma estrutura mortífera e combativa contra a vida através do poder político. Formulo as seguintes perguntas: há o desejo de sentir-se o “alguém” que varre as estradas, assoladas pelo horror de nossa condição passada? O alguém que precisa remontar e prosseguir a vida sem permitir que as marcas estejam limpas por completo, ou os nomes, os culpados políticos se desfaçam em nossas memórias, por que não tocar na ferida que não se cicatriza, pois a ausência de mundo ou de pessoas é nítida e escancarada nos nossos dias? Ou ainda, porque não permitir que nossas câmeras “E todas as câmeras já debandaram/para outra guerra”, não sofram da absoluta amnésia do que fora nossos dias do ano passado.

Assim como as guerras e como no poema, a luta da história por uma verdade narrativa protagonizou os momentos mais frágeis da pandemia no Brasil; a narrativa do negacionismo esteve atrás da potencialização da morte, potencializando a desvalorização da vida e a redução de nossa humanidade em números. Neste caso específico, foi preciso que dentro da literatura se obtivesse caminhos, que outrora foram possibilidades de sobrevivência, possibilidades de encontrar uma luz que não fosse algoz da vida.

Ainda que não pareça, estamos enlutados, enlutamos nosso presente por muito tempo, durante os muitos meses em que as mortes cresciam, em que as dores aumentavam, em que o vírus se espalhava e a vacina não chegava. Como escrever ou pensar sobre a

possibilidade de sobreviver com a presença da negação e a ausência da cura? Dar continuidade à vida por muitos meses significou a nossa permanência em suspensão. Suspendemo-nos no ar de nossas próprias vidas, nossa poesia suspensa com a possibilidade de nossa extinção. Acima, cheguei a expor a condição de nossa extinção através do fragmento do poema “Silva Antígona” da poeta carioca Tatiana Pequeno, retomo esse mesmo trecho para lembrar que no momento de espera, que antecedeu esse trabalho, nossas vidas pairavam no ar sob angústia:

boa será mesmo a poesia que apenas
 indique nos seus versos mais rupestres os
 caminhos que tenham levado a sabedoria
 lírica os rios as violetas e os humanos
 mais sensíveis à sua completa extinção
 (PEQUENO, 2019)

Após esse registro, que grifou no tempo um momento crucial e doloroso para o país, projetou-se no fim do ano de 2021 uma brecha para se pensar o mundo pós, o mundo com a vacinação, as graduais voltas, as graduais medidas liberdades, a flexibilização dos encontros, a flexibilização de se ver um começo processual, que ainda está sobre sinalização no mundo. A literatura foi capaz em muitos momentos de estabelecer essa conexão com a possibilidade, e nessa possibilidade se faz ancorar o passado, no aprendizado, na memória, no resgate e na cicatriz. As nossas escritas e nossas vivências, independente do nosso querer, são vividas a partir do vírus, a partir da morte e quase morte, e por fim da vida. O que resta para nós, pessoas, é grifar no tempo e para o espaço futuro a rememoração desse momento doloroso, para que um dia possamos recuperar o poder da literatura através de sua raiz como amparo.

O novo ar do começo

Queria ter a capacidade de escrever, ou encorajar um começo tão bonito quanto as ficcionalizações que constroem o lado esperançoso por detrás dessas feridas do tempo, para ilustrar o que é possibilidade e âncora. Vou até o conto “Farol das Almas” (2021) de Itamar Vieira Júnior que rememora o passado brasileiro marcado pela escravização através de uma narrativa sobre a construção de um farol localizado em um porto na Bahia de 1842, ao longo de dois árduos anos de construção do farol, a narrativa em primeira pessoa de um

dos escravizados nos aproxima do texto e da história a ponto de sentirmos cada movimento que preenche a ausência de histórias dos 300 anos de escravidão no Brasil, a ficcionalização que Vieira Júnior construiu através de um tempo curto como dias, de um período distante mas tão presente, permitiu tecer esse trabalho, que ainda confuso, é uma tentativa de não se fazer esquecer, é apenas um fio, dos tantos que nos regem, é apenas a projeção concreta das possibilidades de encontrar, em nossos próprios materiais que a literatura proporciona um começo, um fim e um recomeço, nossa mais singela tentativa de elaborar o passado.

Que possamos estar dispostos a resgatar, nem que seja numa aula, numa discussão, numa comunicação, num capítulo como este, um respaldo, um fragmento, uma leitura que nos indique, não somente sobre nossa condição de esquecimento, mas também sobre nossa presença em dias de ausência, que nos momentos mais sombrios e infestados de morte houve a possibilidade de futuro. É o que não se esgota e nem se fecha mesmo nos mais arditos momentos da nossa história, aponta por e pela literatura a possibilidade da vida, resistência e oposição.

O CONTO “VISÃO DA BAGACEIRA” E A ESCRITA ENTRE BAGAÇOS E FARPAS DE MARILENE FELINTO

Debruçar-se sobre um conto, sem espelhos, é entregar-se, ser conduzido aos sabores e às dores da escrita, é preencher-se com aquilo que o contista constrói com as palavras que carregam a imaginação, seja expandindo-a ou a limitando. A leitura realizada do conto “Visão da bagaceira” de Marilene Felinto foi seguida por tentativa de leitura, na forma de uma entrega integral ao texto. O conto de quatro páginas está presente no livro *PostCard* publicado em 1991 e sem pesquisas prévias, foi lido uma, duas, três até se perder a contagem, até esgotar-se em um ponto, até sentir a rigidez de uma característica construída. E nessa viagem se estabeleceu o encontro com a escrita engenhosamente bagaceira de Marilene Felinto, entre os bagaços e as farpas de uma narradora-personagem preenchida por memórias espaço-temporais.

A escrita é o primeiro pilar a ser destacado, o conto escrito em primeira pessoa é atravessado pelo passado e pelo presente da narradora. Quando narra em seu presente a imagem de uma máquina de impressão de jornais é transportada diretamente para sua infância, para a feira e para a máquina de moer cana. Passado e presente não são bem

divididos, são todos misturados e condensados num trabalho cuidadosamente metalinguístico, usa-se a linguagem espremida e moída para construir a narrativa das comparações principais; a mídia e a feira, a infância e a maturidade; a quebra da inocência e das melancolias da vida, estas causadas por seus próprios campos físicos. Essa relação sentimental e física entre a máquina de impressão do jornal e da máquina de moer percorre todo o texto e se mescla, entregando uma escrita misturada e moída, engenhosamente bagaceira.

A metanarrativa é perceptível/legível na forma com que a autora escreve, seu texto apesar de curto é preenchido por diversos elementos, e conduz a uma leitura que compara o presente e o passado, estabelece sua relação com o ser que se encontra entre o sertão e a metrópole. Esse deslocamento físico-temporal se realiza em uma única linha: “O mundo era assim, visto por uma parede de vidro (ou de sol ardente)” (FELINTO, p. 25). Outros excertos traduzem todas as afetações descritas pela narradora-personagem que, através da metanarrativa, utiliza exitosamente recursos narrativos como a espacialização da escrita e a exploração de sentidos.

A espacialização da escrita

“Visão da bagaceira” apresenta uma espacialização da escrita através da exploração do espaço que Marilene Felinto movimenta. Entre um parágrafo e outro, uma cena ou outra, o leitor pode se transportar a essa literatura balizada pela geografia. Ou melhor, podemos dizer que a autora caminha através de um traço marcado pela *geoliteratura*. No já citado ensaio “Rumo à Geografia Literária”, o crítico francês, Michel Collot trabalha esse conceito, que consiste no imbricamento do espaço e da escrita.

Os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita. (COLLOT, 2012)

As imagens que Marilene traz são híbridas entre a literatura e a geografia, entre a vida e seu aspecto físico, há em sua escrita um convite contínuo a este sertão e a essa metrópole que a narradora-personagem abala, que a faz implodir entre os meios das memórias e os afetos que a aguçam. Esse aspecto impacta não só pelo convite contínuo,

mas também pelo estabelecimento do leitor de se manter atento onde está; ao que está sendo narrado; ao que está sendo lido e o não lido, ao que é dito e não dito.

(...) a feira ardida, sob o cheiro enjoado do caldo e do bagaço da cana moída. (Também ali, contra o vidro, no corre-corre de papel nas correias de couro, era uma só bagaceira o que se imprimia e reimprimia, o que se prensava e se reprensava em roldanas, cilindros e aberturas no chão). (FELINTO, p. 24)

Nesse trecho, por exemplo, a autora condensa esse espaço-temporal, carrega as impressões do presente com as expressões do passado e as relaciona através da fórmula “também ali”, ficcionalizando a atmosfera duplamente ardida pela movimentação popular da feira e a fabricação de jornais. Aqui, ambos os espaços e períodos temporais se encontram moídos, aos bagaços, e para a realização dessa construção espacial, além da visão já apresentada, Marilene compõe um conto através de todos os outros sentidos fisiológicos humanos.

A exploração dos sentidos

O convite contínuo do texto e a atenção provocada por ele se faz presente na ficcionalização através da audição, olfato, paladar, tato e a tão aguçada visão. É possível se debruçar sobre um ou dois desses sentidos, entretanto, desse ponto de vista o encontro foi atravessado pela entrega, e uma entrega total a “Visão da bagaceira” leva a uma verdadeira sinestesia, como o seguinte trecho apresenta:

Tive uma sede súbita, mas não do caldo de cana, que então me enjoou, me lembrou apenas a máquina, a usina devoradora, cuspidora de bagaço. Como as sombras eram precárias na feira, e o meu suor corria em bica pela cara e pela mão, pedi para me sentar debaixo de uma mangabeira. Tomei um refresco de tamarindo. Ainda assim a náusea resistia. É que na feira vendiam cabritos e porcos vivos, galinhas cacarejavam, pintos ciscavam, perus faziam glu glu presos em giras. O ar recendia fortemente a bicho (FELINTO, p 25)

São essas as formas de sentir o paladar restringido pelo cheiro invocado pela feira, o tato ao sentir o suor pingar, a audição chacoalhada por todos os sons e a visão da bagaceira.

Entre bagaços e farpas

O bagaço até aqui parece ser diluído pela metalinguagem do texto e de todos os outros aspectos já apresentados, mas a farpa aparentemente tímida no conto, aparece potencializada quando há na passagem “Ali jogavam obscuros tons sobre tons artificiais do cinza, e dali saíam de fato as ditas farpas do que fora um dia caule.” (FELINTO, p.23), a projeção da autora escreve a vida de uma folha de papel; que um dia fora madeira, que um dia fora farpa, mas deposita o outro sentido das palavras impressas daquele papel. A farpa é conhecida como pequenos fiapos de madeira que machucam ou arranham os dedos ou qualquer superfície da pele. Ela pode ser encontrada facilmente nos caixotes da feira, mas nessa passagem não. A farpa do presente continua cortante, é uma farpa que é traduzida através de palavras e publicadas pelo jornal, que machucam e são disparadas – provocam corações e mentes.

Neste processo de entrega, da sinestesia da escrita e do encontro aos pilares da construção narrativa, houve um encontro com a possibilidade da ficcionalização. Carregada por uma motivação posterior à leitura e à releitura, a necessidade de estar entre bagaços e farpas se estabeleceu. Esse processo de ir além do texto não é necessário, a leitura em si é um convite a estar entre os bagaços e farpas, mas ela não delimita o sentir que há na possibilidade do contato com a ficção, os desejos que ela desperta. E assim, lembrando do conto, e tentando senti-lo, uma ida à feira foi necessária com a finalidade de projetar a sua realidade memoriosa e física, para ainda mais para ficcionalizar o que seria o deslocamento pessoal, a “Visão da bagaceira” pós leitura, mesmo que essa visita não fosse necessária.

Esse estar na feira não foi simplesmente comum, como quando se vai à feira para comprar verduras, legumes ou tomar um caldo de cana. A ida com o olhar atento aos bagaços e as farpas foi traçada pelas circulações de pessoas e algumas caricaturas; os gritos de ofertas e os cochichos pela pechincha, as sensações de todo tipo de mercadoria; curiosidade sobre peças antigas, frescor de verduras, cheiro do pastel e da cana, cheiro de bichos vivos e mortos. Fotografias registradas, cenas montadas conectando o espaço-temporal da escrita de Marilene com a minha leitura.



Figura 10: Colagens “registro de feira” (Arquivo pessoal, 2021).



Figura 11: Cor e cheiro de feira. (Arquivo pessoal, 2021)

Conclusão

Pensar na possibilidade de uma conclusão após esgotar um conto para si é quase como passar a mão em uma madeira cheia de farpas, é colocar-se em perigo de fechar algo que continua e continuará em seus dias, que se estabeleceu como uma memória fixa de uma leitura que foi trabalhada e projetada. A conclusão de “O conto “Visão da Bagaceira” e a escrita entre bagaços e farpas de Marilene Felinto” é a imagem final, é a imagem dos pés de uma feira, a imagem do chão. Após atravessar seu conto, entregar-se aos seus convites, conviver com suas sinestésias, fui buscar a última visão para ele, que sempre

será por último lembrada, que sempre será o ponto final. O chão que a lágrima da narradora-personagem não encontrou ao cair.

A extensão do conto, por fim, foi a ida à feira, foi encontrar a minha própria bagaceira sem traduzi-la por narrativa, só por imagem, por efeito e análise, esta que no último segundo foi composta pelo estranhamento da minha própria figura (banhada por Marilene e seu conto) e minha imaginação ficcionalizando o olhar de alguém que em algum momento pode pensar “Na feira existe de tudo: até pessoas agachadas fotografando os pés”. Mas eu fotografava o chão.



Figura 12: pés na Feira de Senador Camará (Arquivo pessoal, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura dos cinco capítulos anteriores, que correspondem um caminho específico de um estudo, é importante destacar que é premissa da Geografia Literária perambular, assim como os autores, pelos espaços e pelos escritos. Os quatro anos de pesquisas que se desenrolaram na Graduação foram inteiramente atravessados pelo amadurecimento e pelo passeio entre os estudos geoliterários: o território, a escrita, a memória, os muros e as paisagens sempre estiveram presentes nos trabalhos serviram de inspiração como os que aqui desemborcaram. E retornando ao *perambular*, talvez essa tenha sido a maior riqueza que pude observar tanto na evolução dos trabalhos, com um

maior envolvimento com a escrita e os espaços, como também a heterogeneidade que se pode desenvolver um trabalho em que o fio condutor é o espaço e a poética. Isso contribui não só para que meu ponto de vista se amplifique como também colabora para que os espaços e a poesia se condensem muitos outros lugares que ainda não toquei ou que ainda não existem.

Mesmo sendo atravessa pela vida e pelas mazelas que existem em lugares, escritas e pessoas, considero sempre o imenso prazer de desbravar não só os lugares como também as poéticas envolvidas neles. E vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDARILHO, Jessé. *Fiel*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 56-75
- COLLOT, Michel. “Rumo a uma geografia literária”. Tradução: Ida Alves. In: *Revista Gragoatá: Percursos do Contemporâneo*. v.17, n.33. Niterói, 2012. p. 17-31
- FAUSTINI, Marcus Vinícius. *Guia Afetivo da Periferia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- MARTINS, Giovani. “Estação de Padre Miguel”. In: MARTINS, G. *O sol na cabeça*. 1 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018. p.71-85
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018
- SOUZA, Marcelo Lopes de. “O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- VIEIRA Jr, Itamar. *Doramar ou Odisséia*. São Paulo: Editora Todavia, 2021.
- VIEIRA Jr, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Editora Todavia, 2018.